

## CAPÍTULO XII – UM SACRIFÍCIO VIVENTE – Parte 1

Volumes e volumes de livros – e até bibliotecas inteiras – já foram escritos para explicar a natureza de Deus, mas, provavelmente é uma experiência universal que quanto mais lemos a respeito das explanações feitas por outras pessoas, menos compreendemos. Há uma descrição, fornecida pelo inspirado Apóstolo São João quando ele escreveu: “*Deus é Luz*”<sup>1</sup>, que é tão esclarecedora para a Mente, quanto as outras são confusas. Qualquer um que use essa passagem como assunto de Meditação encontrará, seguramente, uma maravilhosa recompensa à sua espera, pois não importa quantas vezes tomemos esse assunto, nosso próprio desenvolvimento, conforme os anos passam, nos assegura uma compreensão cada vez mais completa e melhor. Cada vez que mergulhamos nessas três palavras, sentimo-nos banhados por uma fonte espiritual de inesgotável profundidade e, a cada vez, sondamos mais minuciosamente as profundezas divinas e nos aproximamos mais do nosso Pai celestial.

Para mantermo-nos nesse assunto, voltemos no tempo para obter a posição e a direção da nossa futura linha de progresso.

A primeira vez que nossa consciência se dirigiu para a Luz, foi logo após sermos dotados da Mente. Quando entramos definitivamente em nossa evolução como seres humanos na Atlântida – a terra da névoa – nas profundezas das bacias de nosso planeta, a neblina quente, emitida da terra que se resfriava, pairava como um denso nevoeiro sobre a Terra. Nessa época, as estrelas nas grandes alturas do universo nunca eram vistas, e nem a luz prateada da Lua podia penetrar a atmosfera densa e nebulosa que pairava sobre aquela antiga terra. Mesmo o esplendor ígneo do Sol estava quase totalmente extinto, e quando estudamos a Memória da Natureza daquela época, vemos que ele se assemelhava a um lampião colocado em um poste

---

<sup>1</sup> N.T.: IJo 1:5

num dia enevoado. Era bastante obscuro e tinha uma aura de variadas cores, muito similar àquelas observadas ao redor de um arco de luz.

Mas, essa luz tinha um fascínio. Os antigos Atlantes foram instruídos pelas Hierarquias Divinas, que os acompanhavam, que aspirassem à luz e, como a visão espiritual já estava, então, em declínio (até mesmo os mensageiros, ou Elohim, eram percebidos com dificuldade pela maioria) eles aspiravam cada vez mais ardentemente à nova luz, pois temiam as trevas das quais se tornaram conscientes por meio da dádiva da Mente.

Então, ocorreu o inevitável dilúvio, quando a neblina esfriou e se condensou. A atmosfera clareou e o “*povo escolhido*” foi salvo. Aqueles que trabalharam internamente e aprenderam a construir os órgãos necessários para respirar numa atmosfera semelhante à atual, sobreviveram e vieram para a luz. Não foi uma escolha arbitrária; *o trabalho do passado consistiu na construção do corpo*. Aqueles que só possuíam fendas parecidas com brânquias, tal como o embrião humano que ainda as tem em seu desenvolvimento pré-natal<sup>2</sup>, não estavam preparados fisiologicamente para entrar na nova Era<sup>3</sup>, como não estaria o embrião humano se nascesse antes de construir os pulmões. O embrião humano morreria como morreram aqueles povos antigos quando a atmosfera rarefeita tornou inúteis as fendas parecidas com brânquias.

Desde o dia em que saímos da antiga Atlântida, nossos corpos estão praticamente completos, isto é, não tivemos o acréscimo de novos veículos; mas, desde aqueles tempos e de agora em diante, *os que desejam seguir a luz precisam se esforçar para obter o crescimento anímico*. Os corpos que cristalizamos ao nosso redor precisam ser dissolvidos, e a quintessência da experiência extraída, que como “alma” pode ser amalgamada com o espírito, para fomentá-lo da impotência à onipotência. Por isso, o Tabernáculo no

---

<sup>2</sup> N.T.: são fendas e arcos nos seus pescoços que são idênticos as fendas e arcos branquiais dos peixes atuais.

<sup>3</sup> N.T.: se refere à Era de Áries.

Deserto foi proporcionado aos antigos e *a luz de Deus desceu sobre o Altar dos Sacrifícios*. Isso tem uma grande significância: o Ego tinha acabado de descer para dentro do seu tabernáculo, o corpo. Todos nós conhecemos a tendência do instinto primitivo para o egoísmo e, se tivéssemos estudado as éticas superiores, saberíamos quão subversiva do bem é a indulgência às tendências egoístas; portanto, Deus imediatamente colocou ante a humanidade, a Luz Divina sobre o Altar dos Sacrifícios.

Sobre esse altar, eles foram forçados, por uma terrível necessidade, a oferecer suas mais preciosas posses por cada transgressão cometida, pois imaginavam Deus como um chefe severo, a cujo desagrado era perigoso incorrer. Mesmo assim, a Luz os atraía. Eles sabiam, então, que era inútil tentar escapar das mãos de Deus. Eles nunca tinham ouvido as palavras de São João: “*Deus é Luz*”, mas eles já tinham aprendido sobre os céus que, de algum modo, lhes davam o significado do infinito, como algo medido pelo reino da luz, pois ouvimos Davi exclaimar: “*Para onde ir, longe do teu sopro? Para onde fugir, longe da tua presença? Se subo aos céus, tu lá estás; se me deito no Xeol, aí te encontro. Se tomo as asas da alvorada para habitar nos limites do mar, mesmo lá é tua mão que me conduz, e tua mão direita me sustenta. Se eu dissesse: ‘Ao menos a treva me cubra, e a noite seja um cinto ao meu redor’ — mesmo a treva não é treva para ti, tanto a noite como o dia iluminam*”<sup>4</sup>.

Com o passar dos anos, com o auxílio dos mais poderosos telescópios que a engenhosidade e as habilidades mecânicas do ser humano foram capazes de construir para penetrar nas profundezas do espaço, se tornou mais evidente que a infinitude da luz nos mostra a infinitude de Deus. Quando ouvimos que “*os homens preferiram mais as trevas à luz, porque as suas obras eram más*”<sup>5</sup>, isso também se amolda ao que, infelizmente, conhecemos como fatos atuais, e ilumina a natureza de Deus para nós; pois não é verdade que sempre

---

<sup>4</sup> N.T.: Sl 139:7-12

<sup>5</sup> N.T.: Jo 3:19

que nos sentimos em perigo no escuro, a luz nos proporciona uma sensação de segurança semelhante ao sentimento de uma criança que se sente protegida pela mão de seu pai?